

*KUNAL BASU*

*O PORTUGUÊS INQUIETO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MIGUEL ROMEIRA*

ASA



*I*

*LISBOA, 1898*

*A Festa de Santo António*





Ninguém dorme na noite que antecede uma grande festa. Em junho, quando os dias são longos e o mar é luminoso, nenhuma desculpa tem o poder de afastar as multidões das praças, ou de impedir que os amantes dancem ao som dos fados. A noite é curta antes da festa de Santo António; o solstício de verão está muito próximo. Sendo uma noite fácil para os pedintes, a quem muitos oferecem taças de arroz-doce em troca de favores do santo, é uma noite de sofrimento para as sardinhas, que aguardam nos passeios a sua vez de serem assadas e depois comidas pelos foliões durante o cortejo a meio do dia. Sardinhas no pão, porco e galinha picantes – toda a comida é tão tentadora como as mulheres que se juntam sob os jacarandás lilases de Lisboa.

Ao deixar o Hospital de Todos os Santos depois de uma noite passada em claro, o Dr. António Henriques Maria só conseguia pensar em mulheres e em sardinhas. Sentia-se esfomeado e irritado com o paciente que estivera a tratar – um homem indigno da sua atenção, que dera acidentalmente um tiro em si próprio enquanto andava a caçar faisões na colina de Santa Catarina, e com quem António desperdiçara os seus primorosos dotes cirúrgicos. Essa é a maldição de todos os médicos: salvar a vida de um homem quando

o que o idiota merecia era esvair-se em sangue. Para António, a culpa era da enfermeira-chefe do hospital, que se recusara a encaminhar o doente para os bazares de Alfama, onde os árabes lhe teriam roubado a arma antes de o mandarem para a cova. Estando a cidade a abarrotar de charlatães, ela decidira resgatá-lo aos portões do Inferno para ser salvo pelas milagrosas mãos do Dr. Maria.

Enquanto manejava a serra de ossos, parando algumas vezes para a limpar com um pincel, António não parou de olhar para o relógio. Aquela iria ser uma noite passada entre velhos amigos – um bando de malandros e de putanheiros, de amantes das touradas e de peraltas frequentadores de salões de baile, que iriam pôr de lado o manto da respeitabilidade para reviverem os seus dias de estudantes na Faculdade de Medicina. Vestidos de pirata, ele e os seus amigos médicos passariam a noite a beber pelas tabernas e a entoar cantigas indecentes, todos à coca das noivas de Santo António.

– O paciente tropeçou numa pedra – sussurrou-lhe a enfermeira-chefe ao ouvido, cobrindo os olhos do homem com a palma da mão para que ele não visse o sangue.

António fitou-a com desdém.

– Se não fosse uma cadela que ficou ao pé dele a ladrar sem parar – continuou ela –, a esta altura já estaria morto.

Segurando o bisturi como um pintor faria com o seu pincel, António traçou um círculo em torno do joelho desfeito, assinalando o lugar da incisão. Um soluço abafado brotou dos lábios da enfermeira-chefe ao ver a bala a reluzir como uma pérola dentro de uma ostra.

– É uma pena que a cadela não estivesse com o cio. Ou se calhar até estava, mas não andava por ali nenhum cão para a desviar! – Extraindo o pequeno pedaço cónico de chumbo com o fórceps, António deixou-o cair para um prato de peltre. – Aí a tem. A cadela que a coma.

De um momento para o outro, passou de pintor a bordador, tendo o cuidado de introduzir a agulha na pele do paciente de forma

a não deixar grandes marcas, e, qual dama de honor diligente, enrolando no polegar o fio muito fino, feito de intestinos de porco. Ah, o milagroso Dr. Maria! O jovem leão! O orgulho da faculdade! Apesar do seu olhar vagabundo e de todas as ordinarices que dizia, tinha o par de mãos mais precioso de Lisboa.

Enquanto ia suturando o joelho do homem, voltou a sua atenção para a enfermeira noturna que estava parada junto dele. Algo em Maria Helena, no seu rosto docemente rústico, na sua esguia silhueta castelhana envolta num uniforme branco de enfermeira, atraía o seu olhar enquanto serrava e raspava. As mãos de ambos tinham-se tocado quando ela lhe entregara o fórceps, e António apercebera-se de uma ligeira tremura nervosa, como a de uma traça ao rondar a teia de uma aranha. Já estava habituado a mulheres palpitantes, ao calor que emanavam quando se dispunham a ser caçadas, reagindo aos toques acidentais com pescoços corados e olhares vítreos. A enfermeira mantinha o olhar em baixo, como um pedinte que finge ser cego, mas reagia prontamente de cada vez que ele lhe estendia a mão aberta.

A enfermeira-chefe franziu o sobrolho ao reparar naquele «toma lá, dá cá». Ao ver o médico lançar a Maria Helena um dos seus olhares de matador, revirou os olhos. Na sua pressa de fazer o doente recuperar os sentidos, aquecendo-lhe os pés com um braseiro, perdera o pormenor mais escandaloso: o Dr. Maria a limpar o sangue das mãos nas pregas da bata da enfermeira – o predador a deixar a marca das patas na sua presa.

*Talvez a encontre na festa*, pensou António ao sair do hospital, saltando por cima de uma poça de água. Os aguaceiros matinais tinham arrastado as flores de jacarandá pelas ruas sujas, trazendo um inesperado toque de cor aos centenários edifícios cinzentos, em cujas varandas se viam vasos de manjerico – o presente que os rapazes habitualmente traziam às namoradas por ocasião da festa do santo. Sentindo o mau humor a passar, António começou a imaginar como seria encontrar-se com Maria Helena durante o cortejo.

Perguntou-se se também ela iria vestir-se de noiva e marchar com a horda de raparigas veladas, lançando-lhe um olhar tímido ao passar por ele. Talvez fosse dar com ela numa taberna, ainda vestida com o seu uniforme de enfermeira e com hálito a sardinhas. Os dois poderiam então escapar-se pelas travessas, subir a escada de caracol de uma das casas caiadas na zona antiga da cidade, e ali assistir ao cortejo e retomar o seu «toma lá, dá cá».

António foi pensando nos seus amigos enquanto se dirigia para a praça do Rossio, onde fora montada uma tenda gigante para os fadistas atuarem. Decerto os amigos estariam a amaldiçoá-lo por ele ser um desmancha-prazeres. Podia perfeitamente imaginar Ricardo Silva – Ricardo Malandro – a regalar os outros com relatos das aventuras amorosas do seu amigo António. Decerto não deixaria de recordar os professores que tivera na Faculdade de Medicina, e o veredicto dos mesmos relativamente ao jovem António Maria: talento – excepcional; temperamento – íntegro; feitio – impetuoso. Em suma, um jovem imaturo. Ainda sob os efeitos da bebedeira da noite anterior, ririam alarvemente da sua falta de juízo – António, o único do grupo que continuava solteiro, era culpado de deixar várias beldades e herdeiras ricas fugirem-lhe por entre os dedos a um ritmo mais do que alarmante. «Ele trata as amantes como se fossem pacientes... cura-as depressa!» Todos concordariam com Ricardo e discutiriam o enigma que era o seu amigo António Maria – firme como um rochedo a manejar o bisturi, mas um perfeito idiota no que tocava a mulheres.

– Que tal era ela? – perguntou-lhe Ricardo Silva quando finalmente se encontraram no palanque, já durante a tarde.

– Quem? – perguntou António, admirando os mascarados.

– A responsável por te teres conservado sóbrio ontem à noite.

António conseguia sentir o cheiro do bacalhau salgado nas barraquinhas da praça da Figueira e também o odor da transpiração das raparigas que aguardavam impacientemente o início do cortejo. Tudo estava a passar-se como é costume nas grandes festas – uns



exibem-se, outros observam; reina a sedução e a devassidão. As jovens casadoiras tinham deixado de lado os últimos vestidos de passeio parisienses para se vestirem de bonecas, as solteironas mamalhudas pareciam prostitutas e as freiras, severas como de costume, seguravam estatuetas de Santo António viradas de pernas para o ar, recordando ao padroeiro a sua promessa de purgar os pecadores dos seus pecados.

António estava a dever uma explicação a Ricardo. Por várias razões, sentia-se grato àquele seu leal amigo, sempre disposto a protegê-lo com a sua influência. O fracasso na Faculdade de Medicina acabara por dar muito jeito a Ricardo, consolidando o seu lugar entre os aristocratas apenas porque lhe permitira dispor de tempo para conviver com eles. Para além da coincidência de possuir eles de parentesco com toda e cada uma das famílias da fidalguia, graças a uma mistura de mentiras e conjeturas que ele mesmo ia fabricando, Ricardo tinha a capacidade de forjar amizade com perfeitos desconhecidos, o que o tornava bem-vindo em todas as mansões dos bairros ricos de Lisboa. Em tom brincalhão, António respondeu-lhe:

– Um idiota que julgou ser um faisão e disparou contra si próprio.

– Um homem! – Ricardo recompôs-se rapidamente do choque. – Ah... portanto, o médico esteve ocupado a medicar. Mas de certeza que não estiveste a sós com o faisão.

– A enfermeira-chefe também lá estava.

– A coruja! – Ricardo riu entredentes. – Só uma aragem dos sovacos dela já chegava para anestesiar o pobre coitado!

O cortejo começou a entrar na praça, onde outrora se acendiam fogueiras para queimar os hereges, e os dois acenaram lascivamente a um grupo de atraentes trompetistas vestidas de golfinho. Ao verem António no meio da assistência, as raparigas quase desmaiaram. O Dr. Maria! Um médico tão atraente! Tão jovem e tão famoso! Decerto todas estavam a par dos escândalos e tinham ouvido os

inúmeros mexericos, e, detendo-se um instante para agradecerem a sua sorte, acenaram-lhe de volta.

– O faisão, a enfermeira-chefe e...

– Outra enfermeira.

Ricardo Silva congratulou-se por conhecer tão bem o amigo.

– E o que trazia ela por baixo do uniforme? – perguntou, dando uma cotovelada a António. – Vá lá, conta.

– Um par de rins, um fígado saudável e...

Ricardo riu-se.

– Estás a dizer-me que tiveste de lhe fazer uma cesariana para tirares cá para fora o teu filho?!

António desejou ter realmente possuído Maria Helena. Tinha a certeza de que ela era muito melhor do que as «golfinhas». Apenas precisariam de ter algum tato para que o seu segredo não fosse motivo de mexericos no hospital. A festa começava a ficar animada, o que lhe dificultaria localizar a rapariga docemente rústica e de silhueta castelhana no meio da multidão que começava a encher a praça. Os toureiros foram recebidos com gritos efusivos; em breve começariam a fazer-se apostas na praça de touros. Fadistas indolentes, incitados pelos seus fãs, começavam a afinar as guitarras. Em breve o fogo de artifício iluminaria o céu e os edifícios manuelinos que se erguiam à beira-Tejo, criando o cenário para uma noite memorável. Era a altura certa para uma refeição rápida de sardinhas, e os dois abriram caminho até às barraquinhas alinhadas ao longo da avenida da Liberdade. Com os olhos a arder devido ao fumo das grelhas, António deixou escapar um palavrão ao avistar a enfermeira-chefe, que lhe acenava freneticamente do meio da multidão. *Mas o que é que esta vaca velha está a fazer aqui na festa?!*, pensou ele, rezando para que não se tratasse de mais um caso envolvendo um faisão moribundo. *Mato-a antes que ela tenha tempo de encontrar mais algum desse género.* Erguendo o braço, fingiu estar a fazer pontaria. Uma expressão de alívio atravessou o rosto da mulher idosa, como se ela tivesse previsto que iria passar a noite

inteira à procura do esquivo Dr. Maria. Abrindo caminho por entre a multidão, chegou junto dele e entregou-lhe uma missiva, que ele leu rapidamente, começando de imediato a afastar-se das barraquinhas cheias de fregueses. Surpreendido, Ricardo bateu-lhe ao de leve nas costas.

– Já vais, tão cedo?! – gritou para o amigo, incapaz de acompanhar o ritmo das suas passadas rápidas. – Espera! Não queres ir nadar com as «golfinhas»...?

Ricardo Malandro não fazia a menor ideia da razão para a sua retirada súbita, nem tinha conhecimento daquela missiva inesperada, escrita na caligrafia cuidada dos médicos ao rabisarem os seus relatórios clínicos. Não se tratava exatamente de uma carta, mas antes de um bilhete; fora escrito pelo seu pai, que lhe pedia para ir vê-lo ao seu refúgio no cabo de São Vicente. António conhecia o seu pai e tinha noção da verdadeira urgência dos seus bilhetes sucintos. Lamentava perder a oportunidade de examinar o que estaria por baixo do uniforme de Maria Helena, e de ouvir os fadistas, cantando cada vez mais apaixonadamente à medida que a noite fosse avançando. As coisas também estavam a correr mal às «golfinhas», porque entretanto tinha começado a chover – uma chuva de verão que não beneficiava minimamente as colheitas, servindo apenas para deixar toda a gente ensopada. O bobo do cortejo parecia um caranguejo a tentar enfiar-se num buraco e os monges faziam lembrar sardinhas amontoadas. As noivas transformaram-se em viúvas chorosas. A multidão correu para dentro dos cafés e das pastelarias, como um cardume que se tivesse visto atacado por um tubarão. Os que tinham vindo preparados para tirar a roupa mais logo ergueram os punhos cerrados para as nuvens, que os iriam obrigar a começar muito antes da hora. «Nem sabes o que perdeste, meu amigo!», dir-lhe-ia Ricardo posteriormente, referindo-se a este desnudar não planeado. Quando António deixou a cidade, a praça alagada assemelhava-se a uma lagoa rasa ocupada por um ajuntamento de feios banhistas embriagados.

António Maria passou a noite numa carruagem, escutando o chiar das rodas, que ecoava o lamento dos terrenos agrícolas e das florestas virgens que tinham sido obrigados a retroceder no horizonte para darem lugar à estrada. A sua mente não parou um instante. *Porque terá ele pedido que me fossem chamar à festa de Santo António?* Tinha toda a noite para examinar a missiva e decifrar o seu segredo. *Porque não terá vindo a Lisboa para comer sardinhas?* Este pensamento fê-lo recordar os tempos em que os dois se instalavam no palanque a admirar os mascarados, quando o seu pai o sentava nos seus ombros na praça de touros ou quando os dois se juntavam à multidão em Belém para verem o fogo de artifício enquanto imponentes veleiros deixavam o porto de Lisboa. O destino para o qual agora se dirigia fê-lo também recordar o dia em que viu o seu pai a chorar por entre os cedros do cabo de São Vicente. António seguira-o quando ele saíra porta fora, para lhe perguntar sobre a mãe e sobre a sua viagem debaixo da terra numa caixa de madeira; puxara-o pelas mangas, correrá à volta dele e gritara-lhe na cara, mas não conseguira nenhuma resposta.

«Anda, Tino, vamos visitar a tua mãe à casa nova», dizia-lhe sempre o pai no aniversário da morte dela, como se houvesse a possibilidade de a mãe querer regressar à sua antiga casa, onde o ar continuava impregnado da sua respiração, como se esperando que ela ali se materializasse novamente. Mesmo durante os anos que passara em Coimbra, na Faculdade de Medicina, António recebia sempre um bilhete do Dr. Alexandre Henriques Maria, pedindo-lhe que fosse a casa por causa da mãe. Durante os seus anos de crescimento, António nunca se vira negligenciado pelo pai, embora ele gozasse já de grande fama, sendo médico tanto da realeza como daqueles que só lhe podiam pagar com palavras. O pai levava-o para onde quer que fosse – para as quintas dos seus pacientes ricos, ou a cavalgar pelas florestas de Sintra; nunca se separavam, o imponente Dr. Maria e o seu rapazinho, ambos imaculadamente vestidos como aristocratas.

«Ele é a cópia exata do pai», diziam os amigos. Ambos tinham sido agraciados com o mesmo aspeto galante e com um ar de terna insolência. A amizade deles era a amizade de dois homens solitários, ligados por uma ausência. Desde que António compreendera a irrevogável trajetória da caixa em que a sua mãe fora colocada, formara-se entre ele e o pai uma camaradagem silenciosa, fundada no imaginar do que poderia ter sido se ela ainda fosse viva. Se os dois riam sonoramente enquanto saboreavam raivas, faziam-no sabendo que nunca ninguém faria uns bolinhos de canela ou uns pastéis de coco que se comparassem aos dela, e muito menos um toucinho do céu tão divinal como o seu; quando ouviam os cascos de um cavalo a puxar um carro funerário numa manhã gelada, era nela que pensavam.

A deles era uma amizade amadurecida pela desgraça. Na faculdade, os professores tratavam o jovem António com cautela, reservando quaisquer queixas que pudessem ter para quando o pai aparecesse ali de visita ao filho. António era um aluno demasiado precioso para ser castigado de forma convencional, fosse por ter andado à pancada na pista de esgrima, por ter insultado aos berros o porteiro da residência de estudantes ou por ter feito tiro ao alvo aos pombos de estimação do reitor. O respeito temeroso que o seu pai lhes inspirava levava a que António conseguisse esquivar-se aos castigos mais severos que eram aplicados aos seus amigos, que acordavam toda a cidade de madrugada aquando da Festa das Latas, batucando nas latas que traziam atadas às pernas enquanto desciam as ruas de Coimbra rumo às águas onduladas do Mondego para o tradicional mergulho. Com a expressão séria de um médico que vai anotando as queixas do seu paciente, o pai de António escutava o nervoso reitor, retirando-se em seguida sem chegar a receitar o tratamento.

E então, quando António ia passar as férias a casa, o pai recebia-o com um abraço – um abraço que ele não teria trocado pelos das maiores beldades à face da Terra.

Os seus pensamentos regressaram à festa e à enfermeira-chefe a estender-lhe a missiva. *Saberia ela quem a escrevera?* O facto de o seu pai não ter ido a Lisboa dera azo a alguns mexericos. Porque teria o famoso médico deixado à pressa o Hospital de Todos os Santos, onde era tão reverenciado como as estátuas de dom Manuel e de dona Maria? As mentiras espalhadas por gente mal-intencionada e invejosa tinham sido mais que muitas. António não ligara aos rumores. Conhecia perfeitamente o seu pai. Nunca fora homem de se queixar, mas talvez se tivesse finalmente cansado dos doentes. *Já deve estar farto de ser médico*, pensou.

Ao chegar à casa de campo da família, António fechou com força a porta da carruagem, sentindo o coração acelerar. Iria agora ter a sua resposta; o mistério do bilhete seria resolvido dali a nada por um par de olhos pestanejantes. Uma luz acendeu-se numa janela, mas o resto da casa continuou tão escuro como os campos por onde ele tinha passado durante a viagem. Avançou pelo corredor rumo à sala de estar, e ouviu o respirar que dali vinha.

À luz do candeeiro que Rosa Escobar, a criada, segurava ao alto, António viu que a sala fora convertida num quarto de dormir e escritório. Fora ali colocada uma secretária para permitir o completar das tarefas do dia a dia com um mínimo de esforço; o armário dos medicamentos também ali estava, e ainda um bidé de porcelana, um lavatório e uma cómoda cheia de bugigangas. O seu pai estava a repousar, e António sentiu o odor adocicado de bagas de zimbro a arderem num braseiro. Espalhando-se pelo ar, o fumo formava uma cortina em redor da cama, fazendo a sala assemelhar-se a uma cripta num mosteiro. *Porque terá ele transformado a casa num hospital?* Apercebendo-se do seu visitante, o pai de António rodou o corpo e voltou-se para o filho. A luz do candeeiro iluminou-lhe o rosto. Numa das fontes via-se uma tumescência parecida com um botão de rosa, vertendo, gota a gota, um líquido branco. Tinha os lábios cheios de feridas e os dentes enegrecidos, como se cobertos de fuligem. Do seu rosto – o rosto de um esqueleto desenterrado da sepultura –, uns olhos sem vida fitaram António.

– O que aconteceu? – gritou ele para Rosa Escobar, que estava pálida como a cera. A velha empregada começou a tremer.

Na pressa de examinar o pai, António rasgou-lhe a camisa de dormir. A sua visão foi ofuscada por um campo semeado de rosas – erupções cutâneas avermelhadas que cobriam o corpo do seu pai da cabeça aos joelhos, poupando apenas os olhos. Algumas das excrescências já tinham secado, reduzindo-se a horríveis crostas, semelhantes a pintas de leopardo, rugosas e ressequidas. Horríveis tumescências aplanavam-lhe as plantas dos pés e as palmas das mãos, uniam-lhe o pescoço ao queixo e avolumavam-se no seu peito. Dos quistos infetados escorria pus. As suas costas assemelhavam-se a um campo de milho-miúdo. Como uma cratera sem vida, uma lesão profunda fendia-lhe a testa. As sobrancelhas do seu pai tinham desaparecido, tal como o cabelo e os pelos; o nariz transformara-se numa flauta de um único orifício. A saliva escorria-lhe da boca – da qual as gengivas tinham desaparecido –, e, quando ele entreabriu os maxilares para deixar escapar um lamento, caiu-lhe um dente. Ao afastar completamente as roupas da cama, António encontrou um abscesso nos genitais do pai, semelhante a um cato em flor, e testículos demasiado inchados para caberem sequer nas duas mãos. O fedor de carne a apodrecer fê-lo tapar o nariz.

O pai segurou na mão dele com força, cravando-lhe as unhas na carne. Chocado, António libertou-se, e, num tom urgente, perguntou-lhe:

– Há quanto tempo estás assim?

Não houve resposta.

– Quando foi que apareceu a erupção cutânea? – As pústulas, inflamadas e a ponto de rebentar, pareciam ter vários meses. – Quando foi a última vez que as trataste? – perguntou, subindo o tom de voz.

– Há quatro meses – disse Rosa, parada atrás de António e respondendo pelo pai dele.

– Chiu... – António silenciou-a. – Em que parte do corpo apareceram primeiro? Anda, diz-me. – Observou de perto a virilha do

pai, a protuberância lustrosa no seu membro, e depois aproximou mais ainda o rosto do ouvido dele. – O que foi que fizeste? *Têns* de me dizer.

– Ele não o consegue ouvir – disse Rosa Escobar num tom vacilante. – Está tão surdo como um morto. – E começou a soluçar.

– Que disparate! – Tentando enxotá-la dali para fora, António apenas conseguiu que ela se entregasse a um pranto descontrolado.

– Ele queria morrer antes que o menino o visse neste estado, mas eu implorei-lhe que lhe escrevesse uma última vez.

– *Tu* imploraste-lhe?!

Rosa assentiu.

– Só o menino, o seu Tino, o pode salvar.

António teve de recorrer a um esforço considerável para voltar costas ao pai e encarar Rosa. Então pediu à criada que enumerasse os sintomas, todos os sintomas, tão claramente quanto lhe fosse possível, começando pelo aparecimento da erupção cutânea. Ela descreveu-lhe a dor atroz nos ossos nos primeiros dias da enfermidade do seu pai, como se ele tivesse caído de um cavalo a galope.

– Passa a noite acordado com umas cólicas pavorosas, dorme o dia inteiro e depois acorda com dores, e recomeça tudo. Nalgumas noites não consegue dormir de todo, as pupilas ardem-lhe como se os seus olhos fossem duas bolas de fogo. Não consegue engolir um pedaço de comida ou beber uma gota de água. A língua dele parece a de um boi e o seu corpo treme como uma lebre apanhada numa armadilha.

Aquilo não podia ser verdade, pensou António; só podia estar a ter um pesadelo. Mesmo sem a descrição monocórdica de Rosa Escobar, teria conseguido recitar a lista completa de sintomas: insónia e inflamação; nevralgia aguda; fadiga crónica; perturbação dos intestinos e dos órgãos vitais; paralisia e demência.

*Morbus gallicus*... Depressa relacionou os sintomas, apenas para confirmar os seus piores receios. Saiu do quarto a correr, com Rosa atrás dele. A criada implorou-lhe que esperasse, que lhe desse oportunidade de descrever por completo a condição do paciente.



– O seu pai enlouqueceu! – lamentava-se ela. – Tem medo de fantasmas e agarra-se a mim noite e dia. Fala das chamas do Inferno e de anjos que o estão a envenenar. – Agarrou no braço dele e começou a sacudi-lo. – Ele está a morrer, Tino!

No seu quarto na casa de campo, com a porta trancada, António pôs-se a andar de um lado para o outro. *Foi por isso que ele deixou Lisboa a correr... Que estupidez da minha parte não ter percebido logo!* Recordou o vendaval de rumores que tinha perseguido o seu pai até ao cabo de São Vicente. *Como conseguiu ele guardar segredo?* Em seguida, começou a recriminar-se por ignorar os boatos. *O que poderei eu fazer agora para o salvar?* Sabia perfeitamente que não havia cura para a sífilis terciária. Não havia enfermidade mais grave do que a sífilis; mais valia o doente matar-se com uma bala na cabeça.

De volta ao quarto do pai, começou a atirar com os frasquinhos cheios com as poções de Rosa, compradas a «médicos ambulantes» e a ervanários amadores. *Charlatães!* Esmigalhou sob os pés os frasquinhos de arsénico e de mercúrio, e revirou as taças com óleo de amêndoas e os baldes cheios de sanguessugas. Idiotas miseráveis! O arsénico jamais curara alguém fosse do que fosse. As sanguessugas limitavam-se a chupar o sangue. O mercúrio fazia apodrecer os dentes. Os comprimidos amarelos revestidos de chocolate apenas serviam para pintalgar os intestinos. *Charlatães! Charlatães! Charlatães!* Continuou a espezinhar tudo aquilo, dispersando os cacos.

– Salva-me, Tino. – Conseguindo finalmente olhá-lo nos olhos, o seu pai começou a chorar como uma criança.

Não havia ninguém no mundo a quem António mais amasse do que a ele. O seu pai sentara-o aos ombros na praça de touros. O seu pai aconselhara-o a disparar sobre o reitor, «esse velho idiota», e a poupar os pombos.

– Salva-me, Tino...

*Quem o terá infetado?* Um álbum cheio de rostos abriu-se diante dos olhos de António. Olhou fixamente para Rosa. *Será que foi*

*ela...?* Ao vê-lo avançar alguns passos na sua direção, como se pretendesse examiná-la à força, a criada correu a esconder-se por trás do armário.

– Não, Tino, não fui eu. Eu estou limpa. Veja! – Baixando o corpete, mostrou-lhe os seios, nus e sem mácula. – Não fui eu a infetá-lo. Ele já estava doente quando aqui chegou.

– Mas tu sabias, não sabias? – perguntou António com um olhar acusador. – Porque não me escreveste mais cedo?

– Porque o seu pai me proibiu. – Rosa apontou para a porta. – Tinha-a sempre trancada para me impedir de sair, nem que fosse só para ir ao mercado. Tinha de me escapular quando ele estava a dormir. Proibiu-me de contar fosse a quem fosse. Ele mesmo preparava os remédios no almofariz e depois mandava-me untar-lhe o corpo. Julgava que ia conseguir curar-se a si próprio, e que o menino o encontraria de perfeita saúde quando viesse a casa. Mas depois...

– Depois o quê...? – António olhou para o pai, agora a dormir de olhos abertos.

– Depois desistiu. Pediu-me que lhe trouxesse a arma. – Limpando os olhos no avental, Rosa recomeçou a soluçar. – Tentou matar-se quando eu adormeci; cortou os pulsos com a faca das operações. Eu deitei fora a caixa dos instrumentos médicos, mas depois ele tentou outra vez, com umas gotas que tinha escondido debaixo da cama.

– Alguém o veio visitar?

– Não. – Rosa abanou a cabeça. – Éramos só ele e eu. Até que eu lhe implorei que escrevesse ao menino, nem que fosse só uma vez.

António deixou a casa e foi caminhar por entre os cedros. A luz de verão projetava sombras encantadoras por entre as árvores, mas ele não conseguia esquecer o corpo desfigurado do pai e aquele seu patético pedido de ajuda. *Ele devia saber que eu não o posso ajudar.*

*Nenhum médico pode... de certeza que ele sabe o que acontece aos que contraem sífilis.* Mesmo de tão longe conseguia escutar os gritos dos sífilíticos de Lisboa, acampados no Mosteiro dos Jerónimos: prostitutas apodrecidas, criminosos libertados por guardas prisionais assustados, órfãos de mães doentes, idiotas, aleijados e também os pequenos monstros que tinham sugado o veneno dos seios das mães e que agora estava cobertos de pintas de leopardo da cabeça aos pés. Até os leprosos fugiam a sete pés mal os viam. Os lojistas expulsavam-nos com varas e, nos hospitais, batiam-lhes com a porta na cara. Os padres mais caridosos punham-se à janela a atirar-lhes pedras, para os manter à distância.

No Hospital de Todos os Santos chamavam-lhe a doença serpentina, pior que a peste negra, que o veneno do escorpião ou que uma mordidela de um cão raivoso. António fugia de cada vez que deparava com os sintomas da sífilis, inventando desculpas e deixando o paciente entregue a um colega qualquer. Eles que passassem por parvos. Depois, fechando a porta atrás de si, punha-se de ouvido colado à parede, escutando e rindo entredentes enquanto eles tentavam descobrir que maleita seria aquela que se disfarçara de algo tão inofensivo como uma crise de gota, um vulgar eczema, um ligeiro ataque de nervos, um clássico caso de reumatismo ou mesmo hipocondria. *Sífilis!* Do lado de cá da parede, António tinha sempre vontade de gritar o seu aviso tanto para o paciente como para o médico. Podiam chamar-lhe o que quisessem – «mal-francês», «comichão espanhola», «urticária alemã» ou «varicela polaca» –, mas era a mesma velha maldição que dom Colombo trouxera da ilha Espanhola, juntamente com o ouro e com os papagaios.

Se se via obrigado a tratar alguma vítima da doença, António confundia os seus assistentes ao aconselhá-los a levarem o paciente para o Hospício dos Jesuítas.

– Mas ele não está louco!

– Mas depressa *vai ficar!* – ripostava ele, alarmando-os. – Este doente vai pôr-se a cantar daqui a nada! Se é um compositor, vai

compor uma sinfonia, se é pintor, vai pintar a sua obra-prima! Poderá mesmo cravar uma faca no coração do seu médico, como se fosse um matador em plena praça de touros!

*Deve tê-la apanhado em Lisboa e depois fugiu para aqui.* António recordou as várias visitas que o pai lhe fizera no Hospital de Todos os Santos, sem nunca ficar para passar a noite com ele. *Deve ir encontrar-se com alguma das amantes ricas,* pensara. Talvez o pai tivesse sido infetado por alguma delas, ou então por uma das suas criadas. Recordando as animadas mulheres da praça da Alegria, estremeceu. Teria o seu pai apanhado a doença de alguém que ele também conhecia, de alguma das mulheres de quem ele próprio fora amante?

Enquanto via os pirilampos a dançarem pelo ar, pôs-se a meditar em tudo o que sabia a respeito da sífilis. O rosto nervoso de Rosa assomou à janela para o chamar de volta a casa. António fez-lhe sinal para ela o deixar em paz, mas a criada suplicou-lhe com o olhar para que ele a deixasse falar-lhe só mais uma vez.

Mais tarde adormeceu, cansado da viagem. Em sonhos, sob o fundo musical de uma banda a marchar, remoeu um milhão de arrependimentos. Uma ansiosa Maria Helena a gritar para que ele a libertasse de uma rede de pesca com o seu bisturi. Os seus amigos a receberem-no em efusiva gritaria quando ele entrou na arena da praça de touros, trajado de matador. Ele não conseguia lembrar-se de como fora a luta com o touro, apenas que o seu pai o erguera do chão de serradura e lhe murmurara baixinho ao ouvido: «Um dia serás campeão, Tino...»

Ao acordar, António julgou que continuava a sonhar com o seu pai a soluçar no meio dos cedros do cabo de São Vicente, no dia em que a sua mãe morrera. O som parecia chegar a todos os cantos da casa, como um vento com uma semente de loucura no vórtice. Desceu ao quarto do pai. Encontrou-o ajoelhado junto à cama, com um braço pousado sobre Rosa Escobar; vestida como a sua mãe, a criada jazia imóvel na posição dos mortos, usando um vestido de